

FERRAMENTAS TECNOLOGIAS UTILIZADAS NA SUPERVISÃO DA EDUCAÇÃO MÉDICA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Patrícia da Silva Ferreira^I
Roselma Marcelle da Silva Alexandre Kawakami^{II}

Introdução:

O ensino superior vem ao longo dos anos inserindo em suas atividades acadêmicas a utilização de ferramentas tecnológicas, de forma pontual nos encontros presenciais através da utilização de recursos de multimídia. Com a pandemia da COVID-19, houve a suspensão das atividades presenciais inclusive na área da educação médica. Diante disso, foi necessária a reorganização nos processos pedagógicos, onde o uso das tecnologias passa a ser fundamental na construção do conhecimento. Estas tecnologias influenciam e transformam as relações sociais e também alteram as estratégias para a busca de informação e conhecimento no contexto da educação¹. Novas ferramentas são utilizadas para romper com o universo reduzido da sala de aula, dentre elas as tecnologias digitais, tais como: plataformas de discussões e reuniões em grupo, fórum, vídeo e teleconferências². Desta maneira, o objetivo é relatar a experiência de supervisionar o uso das tecnologias digitais na educação médica durante a pandemia da COVID-19.

Descrição:

A interrupção das atividades educacionais na modalidade presencial por causa da COVID-19 levou à supervisão do Programa de Interação Comunitária (PIC) componente curricular obrigatório no curso de medicina, solicitar reuniões a fim de discutir novas possibilidades de ensino-aprendizagem, uma vez que o conteúdo teórico não poderia ser discutido neste momento de forma presencial. Propôs a construção de um tutorial para gravação de vídeo aulas no youtube pelos preceptores médicos e enfermeiros, a fim de disponibilizar aos alunos via plataforma AVA institucional. Além disso, acompanhou via plataforma os alunos que acessavam ou não os materiais, pois, a AVA possibilita a visualização dessas informações, a fim de minimizar os riscos de evasão escolar. Ainda, era possível visualizar a

I. Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora de Ensino Superior do Centro Universitário – UNIVAG.

II. Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora de Ensino Superior do Centro Universitário – UNIVAG.

quantidade de acessos via youtube e comparar com o quantitativo de alunos por turma. Além dessa estratégia, foi necessária a capacitação da plataforma ZOOM, e formação de grupos de trabalho para estudar as maneiras de conduzir a formação médica, bem como estratégias de acompanhamento das avaliações teóricas. Considera-se que apesar dos desafios a inserção da plataforma digital no ensino médico possibilitou mais agilidade na disseminação da informação, todavia, reduziu o contato físico e a comunicação não verbal, na qual é possíveis identificar algumas questões importantes para supervisão relacionadas ao comportamento do indivíduo. Por fim, considera-se exitosa essa experiência da supervisão uma vez que, buscou-se inovar nas propostas de ensino-aprendizagem, orientando os grupos de trabalhos e abrindo espaços para ouvir os alunos e suas dificuldades, especialmente relacionadas ao acesso a internet.

Conclusão:

O ensino remoto emergencial foi considerado uma estratégia desafiadora para a supervisão do PIC. Essa experiência permitiu compreender que na modalidade presencial continuarão a utilizar os recursos das tecnologias digitais, uma vez que estas já estavam disponíveis bem antes do estopim da pandemia por Condi-19 e que atualmente colabora significativamente para a construção do conhecimento de forma complementar, criativa e inovadora, extrapolando o espaço da sala de aula e proporcionando experiências exitosas entre professores e alunos.

Referências:

1. Riedner, D. D., & Pischetola, M. (2016). Tecnologias Digitais no Ensino Superior: uma possibilidade de inovação das práticas? *Educação, Formação & Tecnologias*, 9 (2), 37-55 [Online].
2. Oliveira AM, Freitas AA, et al. Aplicação combinada de metodologia ativa e tecnologia de informação e comunicação no ensino médico: um relato de experiência. 37º Seminário de Atualização de Práticas Docentes. UniEvangélica. Anápolis; 2019. p. 311-515 [acesso em 20 de janeiro de 2020].